

ENTRE DESEJOS, SONHOS E INCERTEZAS: REFLEXÕES SOBRE A JUVENTUDE RURAL

Kátia Aline da Costa¹

Refletir sobre a luta pela terra implica não somente entender o espaço geográfico que se analisa, mas perceber a dimensão social e econômica da vivência que envolve os conflitos e as conquistas no assentamento. Nessa perspectiva, podemos entender os assentamentos rurais, como resultados de políticas do Estado, assim como de pressões efetivadas por grupos de trabalhadores e/ou aliados exigindo alternativas de inclusão social, que implicam na redistribuição fundiária.

Sendo assim, a principal problemática que envolve este artigo está direcionada aos desafios e perspectivas da juventude rural, principalmente no que tange a juventude do assentamento Sul Bonito, localizado no município de Itaquiraí-MS, uma vez, que este já foi alvo de pesquisas posteriores². Pretende-se discutir criticamente sobre a formação desses/as jovens e as influências que os/as levam a deslocar-se para as cidades, ao passo que se percebe uma ambigüidade na vida desta juventude, pois ao mesmo tempo, em que destacam desejarem permanecer na terra, as dificuldades influenciam no desejo dela sair.

Dessa forma, através da oportunidade concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFGD) foi possível analisar, sobretudo as conseqüências da migração do/a jovem rural para as cidades, ao mesmo tempo, em que se refletiu no sentido de compreender as mudanças, dificuldades e desafios que os/as jovens encontram, além de analisar a posição dos demais membros da comunidade, inclusive dos pais, diante destas dificuldades.

Pela experiência de pesquisa e reflexões realizadas, pode-se dizer que os assentamentos são por isso, mais do que espaços onde as famílias habitam, sendo eles espaços de lutas e desafios contínuos. Nestes espaços sociais, a permanência e as manifestações dos/as assentados/as resultam em relações de companheirismo e união refletidas no desejo das famílias que aspiram por uma vida melhor, com dignidade e respeito aos seus direitos. Dessa forma, a luta das famílias se dá pelo acampamento e continua pela permanência no assentamento que implica em grandes dificuldades.

Por esse motivo, é possível perceber que nos assentamentos as ambigüidades e os conflitos permeiam a vida das famílias que apresentam trajetórias de vida, desejos, sonhos e projetos familiares diferenciados entre si e distante do Estado, que mantém uma política única e linear para os assentamentos de reforma agrária de todo o país, sem olhar para estas diferenças que são

¹ Formada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Estudante de Pós-Graduação do Programa de Mestrado em História pela mesma instituição. E-mail: kátia_ufgd@hotmail.com

² Projeto de pesquisa desenvolvido pela pesquisadora durante a graduação nos anos de 2007 a 2008 com concessão de bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (CNPq).

fundamentais para a permanência na terra³.

Dentre os 123⁴ assentamentos existentes no Estado de Mato Grosso do Sul, delimitamos este estudo para o assentamento Sul Bonito, assentamento este que se encontra localizado a cerca de 8 km do município de Itaquiraí, fazendo divisa com os Estados de Mato Grosso do Sul e o Paraná. O assentamento Sul Bonito apresentava-se no ano de conclusão do projeto, ou seja, em 2008, com 421 lotes distribuídos numa área de 6.374.000 ha.

Vale a pena notar, que a luta por aquela terra começou em 1994 quando famílias vindas de vários outros municípios localizados no Mato Grosso do Sul e no Paraguai, buscavam um lugar onde pudessem morar e trabalhar. Viviam em barracos de lona, que caracterizavam naquele momento a necessidade das famílias, que lutavam pelo seu direito à terra mediante mobilizações e movimentos organizados por toda a comunidade que compunha o assentamento, desde crianças, jovens até as mulheres mais idosas. (FARIAS, 2002).

Assim, tendo enfrentado várias dificuldades, como a saída de seu lugar de origem, o abandono da vida que levavam antes do acampamento, até os vários despejos pelos quais passaram, muitos desistiram. Outros, porém resistiram e hoje constituem grupos familiares no assentamento Sul Bonito. São pessoas marcadas por sofrimentos, mas também por conquistas, inclusive a juventude que hoje vive neste lugar conquistado que, no tempo da luta pela terra eram crianças que presenciaram toda a trajetória das famílias e algumas vivenciaram momentos de violência, mas também de felicidade.

Por tudo isso, a juventude deve ser entendida considerando suas especificidades e transformações. Como analisa Zouza Martins, “[...] quando se trabalha com a questão da juventude é preciso considerar a diversidade social, econômica e cultural que a categoria juventude encobre”. (ZOUZA MATINS, *apud* ABRAMO; FREITAS; SPOSITO, 2002, p.20). Além disso, ao analisarmos a juventude devemos considerar três aspectos essenciais: suas diversidades e transformações observando o lugar em que os jovens estão inseridos; o tempo de constituição; e as relações sociais que os envolvem.

De acordo com o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) órgão criado em agosto de 2005 para realizar estudos e propor diretrizes para as políticas públicas voltadas aos jovens, são considerados jovens, aqueles/as cidadãos/as que se encontram entre os 15 e os 29 anos. Porém, é preciso ir além da faixa etária, pois como alerta o Documento Base da I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude “[...] ser jovem mesmo é aquele que completa etapas determinantes de socialização e desenvolvimento corporal (físico, emocional e intelectual), passando a desfrutar de crescente autonomia em relação à sua família”. (2007, p. 7).

³ Estas reflexões têm como referência as obras de FARIAS Cf. referências bibliográficas.

⁴ Dados fornecidos pelo INCRA, no ano de 2006.

Nesse contexto, consideramos jovens aqueles/as que ultrapassam fases de seu crescimento, compartilhando momentos e participando da vida comunitária, visando construir seu futuro e aprimorar suas relações sociais, reconhecendo e vivenciando assim sua identidade. Ser jovem compreende uma questão que perpassa as fronteiras de condição financeira, classe, etnia, diferenças de sexos e faixa etária.

As análises e reflexões que resultaram neste trabalho, só foram possíveis devido às pesquisas de campo que nos possibilitaram uma aproximação com os/as jovens do assentamento Sul Bonito, resultando na importância de analisar e entender as várias diversidades que os rodeiam cotidianamente. Para isso, foi utilizado o método da História Oral, um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, e arquivamentos referente à vida social das pessoas refletida em sua memória. Segundo Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões e/ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (1992, p.423).

A pesquisa com a História Oral é sempre uma pesquisa do tempo presente apresentando vivências de um passado, sendo as fontes vivas e narrativas. Além disso, de acordo com Meihy, “a História Oral mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro sugerindo que outros possam vir a usá-la”. (1996, p.13).

Dessa forma, este artigo se fundamenta, sobretudo, na realização de entrevistas com os/as jovens assentados/as em momentos em que as visitas nos assentamentos nos possibilitaram a oportunidade de compartilhar dos seus medos e receios, essenciais para esse delineamento, além da aplicação dos formulários para identificação e conhecimento das famílias, e das demais leituras realizadas para compreensão dos conceitos que envolvem o campo e a juventude.

Nessa perspectiva refletindo a questão juvenil, observa-se que a inserção dos/as jovens do campo, na cidade nem sempre se dá de maneira feliz. Muitos jovens enfrentam dificuldades para o acesso à educação, a falta de capacitação e de investimentos para sua participação nos diversos âmbitos sociais, principalmente no que tange ao mercado de trabalho, além do dilema “ficar ou sair do assentamento”, da discriminação em relação aos jovens da cidade, do desmembramento não somente do meio rural como a desintegração da família rural, assim como as incertezas que fazem parte dos seus pensamentos.

Ao analisarmos o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), observa-se na lei de nº. 8069, de 13 de julho de 1990, assegurar-se no Título I, Das Disposições Preliminares, Artigo 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, a saúde, a alimentação, a educação, ao esporte, ao lazer, a profissionalização, a cultura, a dignidade, ao respeito, a liberdade, e convivência familiar e comunitária. (ECA, 1990).

Porém, nem sempre esses direitos estão presentes e são respeitados no cotidiano dos/as

jovens, além do que, tais direitos aparecem com maior dificuldade de serem assegurados principalmente no que se refere à juventude rural, daí vindo à carência então dos/as jovens do assentamento Sul Bonito, já que as relações que envolvem os espaços campo-cidade mostram-se cada vez mais distantes, ao passo que se dá a “superioridade” da cidade em relação ao campo.

A cidade nessa perspectiva é idealizada como a realização do espaço urbano, evocada por múltiplas relações dos sujeitos sociais, espaços do comércio e dos serviços. Em contraposição, o campo é um espaço que “necessita ser reestruturado”, já que ele é algo rústico, grosso, retrógrado. Como bem analisava Lefbvre em seu livro *O direito a cidade*:

A separação entre a cidade e o campo toma lugar entre as primeiras e fundamentais divisões do trabalho (a biológica e a técnica). Ela corresponde à separação entre o trabalho material e o trabalho intelectual, pois a cidade cabe as funções de organização, direção das atividades políticas, militares e elaboração do conhecimento. Assim a filosofia nasce na cidade. (LEFBVRE, 1969, p. 31-32.)

Assim, observamos uma tendência de urbanização dos espaços rurais. O urbano avança sobre o rural e o rural convive com o urbano. No campo passam a ser produzidas relações urbanas e rurais. Parafraçando a fala do professor Dr. João Edmilson Fabrini⁵ “o rural vive no urbano, e no urbano há uma força muito grande do rural”, caracterizando entre outras palavras, a relação desses espaços, ao mesmo tempo, em que mostra a influência que um recebe pelo outro.

Os/as jovens, no que tange ao assentamento Sul Bonito, enfrentam assim uma dupla vivência envolvida nesses conceitos que distinguem o campo da cidade e, resultam nas dificuldades esperadas, já que eles (os/as jovens) buscam espaços de reconhecimento e na fase de seu crescimento, da sua juventude, almejam por um estudo digno que lhe possibilite acesso ao mercado de trabalho, oportunidades que na maioria das vezes não se encontram presentes nos assentamentos. Sendo assim, uma preocupação que nos cerca é se pensarmos nesses jovens no sentido real da palavra. “Já não se fala em juventude rural, mas de jovens no meio rural”. (KAYSER, 1990 *apud* SALES, 2006, p.7).

Por outro lado, um aspecto importante observado no assentamento Sul Bonito é a relação de vivência dos/as jovens, e a sociabilidade entre eles/as, pautada em laços de reciprocidade, de companheirismo e de união. Trabalham de forma organizada envolvendo-se em projetos e grupos organizados por eles/as mesmos/as. Assim, o cotidiano desses/as jovens é marcado fortemente pela participação, não somente nos trabalhos realizados na lavoura, na horta e na casa, mas como também na participação dos/as jovens nas reuniões e nos encontros realizados no assentamento. Portanto, sempre que as pesquisas em campo nos possibilitaram aproximação, foram possíveis constatações de grupos de jovens atuando e se concentrando em espaços de festas, encontros, e

⁵ Considerações registradas durante a palestra proferida no III Encontro Regional de Geografia Perspectivas Territoriais: Os novos conteúdos das relações cidade-campo, proferida na mesa-redonda intitulada Rural e Urbano: Pequenas cidades e a produção territorial do campo, na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), em Glória de Dourados, no dia 04 de outubro de 2007.

realizando trabalhos em prol de toda a comunidade.

Segundo uma jovem do próprio assentamento “[...] lá temos três times, um time feminino, um time masculino, e ainda o Grupo de Jovem que no momento ainda ta com quarenta e oito pessoas”. (JULIANA APARECIDA OLIVEIRA. 17 anos. Entrevista realizada em 16/12/2006).

A organização dos/as jovens, bem como a socialização de experiências, sonhos e desejos mostraram-se presente em vários momentos no decorrer da pesquisa em campo, tanto durante as entrevistas e mesmo conversas informais com os/as jovens, quanto puderam ser percebidas mais tarde com a reflexão pautada nas imagens fotográficas colhidas e arquivadas pela pesquisadora.



Fonte: COSTA (2007). Foto de Juliana Aparecida Oliveira na “prainha” (Praia) da Amizade no Assentamento Sul Bonito em 16/12/06.



Fonte: COSTA (2007). Foto da Barraca do Grupo de Jovens durante promoção na festa dos dez anos do assentamento Sul Bonito em 16/12/06.

Dessa forma, o assentamento Sul Bonito e o cotidiano dos/as jovens residentes lá, evocam uma série de significados que permeiam a construção de sua identidade, e de todo aquele espaço rural. Assim, o cotidiano nos assentamentos se constitui de múltiplas experiências evocadas por uma série de representações. No cotidiano é o momento em que acontecem as vivências e se desenvolvem as relações sociais. A participação da família, e os laços de solidariedade entre os sujeitos envolvidos no assentamento, sejam eles parentes, amigos, e/ou vizinhos, fazem da história individual uma história coletiva marcada por lutas e conquistas que se reproduzem na formação do/a jovem.

Mas nem tudo ocorre como o imaginado e o esperado. As alternâncias e modificações estão presentes no momento em que a maioria dos/as jovens deixa o assentamento para procurar na cidade mais próxima um trabalho, de maneira que sejam remunerados/as e com carteira assinada, oportunidades distantes das possibilitadas no assentamento.

A análise dessa dificuldade em relação ao trabalho para os/as jovens, nos leva a um outro problema: a falta de capacitação dos/as mesmos/as, já que a educação ainda se encontra precária nos assentamentos. Para ter acesso ao trabalho, eles/as precisam de estudo, e a maioria deles/as não tem condições de cursarem uma faculdade, e/ou de fazerem cursos para formação. Até mesmo a escola em que estudam no período de conclusão do Ensino Médio, encontra-se distante do assentamento, dificultando o acesso aos estudantes, além da forma de ensino que é diferenciada, se tornando de qualidade inferior que a dos/as demais jovens, enfatizando-se mais um problema, a discriminação.

Segundo observações de Guaraná (2005), os/as jovens do assentamento estariam ocupando o espaço urbano, primeiro pela própria desvalorização da cultura camponesa, e segundo pela constante atração que os estilos da cidade despertam nos/as jovens. Também percebemos isso nos/as jovens do assentamento Sul Bonito, onde a maioria deles/as destaca a falta de oportunidade para o estudo, para o trabalho e para o seu desenvolvimento, como sendo os fatores que influenciam na saída para cidade.

Mais uma vez, se faz necessário citar o Estatuto da Criança e do Adolescente onde o direito a profissionalização está assegurado por lei, como confere o Título II, Capítulo V, do Direito à Profissionalização e à Proteção no Trabalho, Artigo 69º, Inciso II: “O adolescente tem direito a profissionalização e a proteção no trabalho, observando os seguintes aspectos entre outros: Capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho”. (ECA, 1990).

No entanto, uma questão pode-se destacar diante das entrevistas realizadas durante a pesquisa: os jovens do assentamento Sul Bonito têm sonhos e perspectivas de terem acesso à educação e ao mercado de trabalho, e percebem isso como “possível” na cidade, já que esta oferece maior espaço e condições, porém alguns deles/as não demonstram o interesse da desintegração da

comunidade rural.

Esse é um aspecto relevante, quando percebemos como, com grande entusiasmo, esses/as jovens se referem ao seu espaço, que valorizam não somente por ser resultado da luta pela terra, mas por reconhecerem a importância que esta tem para os que ali vivem e que conquistaram esse direito. Podemos perceber tal fato presente no seguinte depoimento de uma jovem do assentamento Sul Bonito em que ela nos diz:

Eu num quero sai daqui não, porque mesmo si eu quisesse num posso sai, porque ta mora eu, meu irmão e meu sobrinho, aí num tem como eu sai. Mais sai pra fora eu num tenho vontade não, a única coisa que eu quero fazer é termina meus estudo e fazer uma faculdade, agora eu num sei pra onde, mais mesmo que eu faça uma faculdade eu vou, mais que eu volto eu volto. (JULIANA A. OLIVEIRA. 17 anos. Entrevista realizada em 16/12/2006).

Ou seja, percebe-se por meio das falas dos/as entrevistados/as que a busca pelo novo e pelo desconhecido é preciso, mas ainda assim como resultado de conquistas que revertam melhores condições ao assentamento. Os/as jovens acreditam que eles/as poderão contribuir não individualmente, mas no coletivo, dentro do assentamento. Percebemos esse fato presente não somente pelos índices apresentados pelo Instituto Cidadania no ano de 2003, em que 92% dos jovens do Brasil se mostravam esperançados em melhorar suas condições de vida nos próximos anos e contribuir de alguma forma com o todo, como no depoimento concebido por outra jovem:

Ah eu acho aqui muito bom! Apesar de ter as dificuldades, mais quando eu tive meus dezoito anos, eu vou trabalhar, acho que vou trabalhar pra fora, mais não pra mim fica pra lá. Eu vou vim pra cá, vou ficar aqui junto com os meus pais, só vou trazer melhores condições. Eu quero ir pro acampamento lutar e conseguir que nem meus pais conseguiram. (DHENIFER OLIVEIRA. 15 anos. Entrevista realizada em 16/12/2006).



Fonte: COSTA (2007). Foto de Dhenifer Oliveira ao lado de seu pai Elias Oliveira Américo durante entrevista no assentamento Sul Bonito em 16/12/06.

Essas dificuldades apontadas pelos/as jovens diz respeito não somente as condições econômicas, mas principalmente as sociais, já que devido à diferenciação entre rural-urbano os/as jovens do assentamento são vítimas da desigualdade, que nesse caso precisa ser analisada. No depoimento seguinte é possível observar essa desigualdade entre os/as jovens do campo e da cidade:

Um pouco é a desigualdade do pessoal da cidade, porque muita das vezes a gente tem que passa despercebido, mas nem sempre a gente consegue, aí quando o povo fala, a gente fica quieto, né? A gente num pode fazer nada, como só do sítio. É por causa que, só porque eles são da cidade. Só que muita das vezes a gente sempre fala pra eles, que se for coloca entre eles e nós, qual que o povo, nós tem mais que eles. (...) ⁶ Eles tem maneira de chama a gente pessoal do sítio, de picão do sítio, e quer que a gente num tem que se mistura com eles, aí então é a nossa parte que é do sítio de enfrenta, só que mesmo assim a gente consegue. (JULIANA A. OLIVEIRA, 17 anos. Entrevista realizada em 16/12/2006).

Ou seja, através da fala da jovem assentada, é possível notar que os/as jovens do assentamento enfrentam certo desconforto perante os/as demais jovens da cidade, ao passo, que a entrevistada relata que “muitas das vezes a gente tem que passa despercebido”. Percebe-se, então que os/as jovens encontram-se por vezes envolvidos pela diferenciação que busca dividir, ora a cidade como moderna e desenvolvida, ora o campo como retrógrado e caipira.

Em pesquisas de campo essa diferenciação da relação entre campo-cidade mostra-se como fator importante a ser analisado. Aliadas a esse fato de diferenciação dos espaços rural e urbano, é importante refletir que segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizadas em 2007, uma parcela significativa da juventude entre os 50,5 milhões de jovens existentes no Brasil sofre situações graves de exclusão social. Seja como for, como analisa Guaraná (2006, p. 01), “principalmente ser jovem rural carrega o peso de uma posição hierárquica de submissão”.

Também é importante salientar que essa visão dos/as jovens de vida feliz no assentamento é diferenciada levando em consideração a diversidade de opiniões de cada um, podendo gerar uma série de controversas, ao passo que, não se podem generalizar os desejos de todos os/as jovens como buscas iguais. Cada jovem tem em si um desejo, seja ele de ir em busca de novos horizontes, conquistando seus ideais, ou de continuar a vida no assentamento. Em contrapartida as entrevistas até então analisadas, nota-se o desejo de uma jovem que relata querer sair do assentamento Sul Bonito, por ali se sentir presa e querer buscar alternativas para seu desenvolvimento:

Aqui eu me sinto presa, num tem pra mim, pra onde eu ir. Na casa da minha avó é só eu e ela, e a televisão, um dvd, um som. Vai indo você enjoa de vê aquilo, você enjoa de ouvi isso, você senti vontade de toma tereré com as amigas você senti falta delas, você senti vontade de vê até carro passa na rua porque o único carro que passa aqui é o leiteiro e o ônibus. Então você senti presa, você olha prum lado olha pro outro vê gado, angola, galinha, e mato e um rio. Pra mim ir na prainha

⁶ Os parênteses que seguem o depoimento indicam supressão de uma parte da fala da entrevistada.

agora nem adianta eu ir, sozinha eu num vou Eu venho pra cá pra passa temporada só. Eu não gosto daqui, eu tenho ódio desse lugar, esse lugar me dá vontade de vomita, porque eu nunca fiquei presa dentro duma cadeia igual eu fico aqui. (TAÍS APARECIDA SANTANA. 15 anos. Entrevista em 18/ 04/07).



Fonte: COSTA, (2007). Foto de Taís Aparecida Santana durante entrevista na Escola Agrícola do assentamento Sul Bonito, em 18/04/07.

Nesse caso então, observamos o distanciamento do desejo e da permanência no campo, assim como a repudia pelo assentamento, já que a jovem busca alternativas de saída, de lazer e divertimento no espaço urbano, já que não visualiza estas possibilidades no assentamento. No entanto, seria errôneo de nossa parte estabelecer julgo por meio de depoimentos como esse concedido por esta jovem, de maneira a generalizar as percepções de luta pela terra, pois é preciso analisar a trajetória de vida de cada jovem para entender seus medos e receios, além disso, é preciso compreender as faixas etárias e dificuldades e desafios que se manifestam para a permanência dos/as jovens nos assentamentos.

Por isso, é fundamental refletirmos acerca das concepções formadas nos assentamentos, já que são múltiplas as trajetórias e experiências que se concretizam nesses espaços, não havendo uma visão linear e única de vida no assentamento, ou uma idéia dominante que prevaleça apenas nas conquistas, nos avanços e nos pontos positivos. Nesse sentido, consideramos a vida nos assentamentos como um processo conflituoso, rico, alicerçado na luta, mas que pode por ora trazer ou não felicidade à juventude moradora desses espaços.

São muitos os desafios, ir à busca dos seus sonhos requer que os/as jovens enfrentem uma realidade que se encontra distante do que vivem no assentamento. Essa migração não é apenas um deslocamento para a cidade, mas consiste também no distanciamento da relação e da luta pela terra, portanto, percebe-se o aprofundamento da ambigüidade “ficar ou sair do assentamento”,

problemática analisada por diversos autores, porém que se encontra distante de ser resolvida.

Nesse sentido, outras questões poderiam ser enfatizadas, considerando o significado das entrevistas e o conceito diferenciado que as relações campo-cidade envolvem para cada um/a desses/as jovens. No entanto, estas são algumas das considerações que a pesquisa realizada nos permite fazer, abrindo um leque de outras possíveis análises e conclusões, pois os estudos sobre a vida nos assentamentos e a juventude são complexos e estão em constante transformação.

CONSIDERAÇÕES DE PESQUISA

Diante desse estudo, não se pretende apresentar nenhuma conclusão quanto à juventude rural, - pois minhas conclusões estão ainda longe de serem feitas, - mas sim possibilitar reflexões sobre as problemáticas que permearam esta pesquisa sobre a juventude ao longo de dois anos, e que agora se estende num projeto de pesquisa de mestrado. Durante todo esse tempo, foram feitos levantamentos bibliográficos, realizadas leituras referenciadas, momentos de debates e reflexões juntamente com minha orientadora, espaços em Eventos Científicos os quais tive a oportunidade de compartilhar de minhas experiências e ouvir sugestões assim como críticas quando necessárias. Não poderia deixar de citar, a importância das pesquisas em campo que concretizaram o sucesso desse estudo desenvolvido no assentamento Sul Bonito, bem como todos/as aqueles/as jovens, pais/mães, líderes dos movimentos, ou seja, todos/as os/as assentados/as que contribuíram significativamente para o amadurecimento dessa pesquisa.

Nesse sentido, percebe-se que a empreitada que se segue é longa. Os caminhos que devemos percorrer nos farão por vezes, observar que algumas das escolhas feitas foram certas, porém em outros momentos nos levará a necessidade de voltarmos ao “fio da meada” para compreender os percalços da pesquisa. Por isso, muitas reflexões precisam ser realizadas levando em consideração que o tema da juventude rural ainda precisa ser lançado em profundas pesquisas.

Dados levantados, como por exemplo, da Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílios (PNDA) realizadas em 2003, nos informam a realidade da juventude brasileira. Dos 50,5 milhões de jovens existentes no Brasil, 11,7 milhões de jovens vivem em famílias que não têm condições de satisfazer suas necessidades básicas, além de outros 4, 5 milhões de jovens que não estudam e nem trabalham.

Ficam então os questionamentos para analisarmos: Que condições esses/as jovens terão no Brasil em que as oportunidades encontram-se escassas, e os investimentos não proporcionam estabilidade para todos/as? Chance para uns/as, apenas sonhos para outros/as? Que escolhas e atitudes terão os/as jovens a tomar? Qual será o futuro dos assentamentos?

Seja como for, essas são questões relevantes e que merecem muita atenção, pois o futuro

dos assentamentos depende, em alguma medida, da vontade, dos desejos, e da permanência dos/as jovens nesses espaços sociais. Os direitos e deveres de todos devem ser respeitados, e os/as jovens assentados/as como cidadãos que são também merecem esse respeito. Talvez se fossem pelo menos seguidas as leis que os asseguram igualdade, trabalho e educação quem sabe assim essa juventude rural teria mais oportunidade de vida e não sofreria tantas carências no que diz respeito às políticas públicas no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Severina Garcia. O Proneira e os Movimentos Sociais: Protagonismo do MST. In: ANDRADE, Márcia Regina; PIERRO, Maria Clara Di; MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos A. (Orgs). *A Educação na Reforma Agrária em Perspectiva: Uma avaliação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária*. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: Proneira, 2004. p. 171-184.

BERGAMASCO, Sônia M; NORDER, Luis A. Cabello. *O que são Assentamentos Rurais*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ECA. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília. 13 de julho de 1990.

FABRINI, João Edmilson. *III Encontro Regional de Geografia*. Glória de Dourados: UEMS, 2007.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. Assentamento Sul Bonito: as incertezas da Travessia na Luta pela Terra. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista. Araraquara.

_____. *Acampamento América Rodrigues da Silva: esperança e desilusões na memória dos caminhantes que lutam pela terra*. Dourados: Fundo de Investimentos Culturais de MS; Gráfica e Editora Dinâmica, 2006.

_____. *A vivência da Reforma Agrária nos assentamentos*. Revista Sociedade e Agricultura. vol. 14, n. 01, abr. 2006.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. (Orgs). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. ISBN 85-7490-166-0.

FERRANTE, Vera Lúcia Botta. Diretrizes políticas dos mediadores: Reflexões de pesquisas. In: MEDEIROS, Leonilde; BARBOSA, Maria Valéria; FRANCO, Mariana Pantoja; ESTERCI, Neide; LEITE, Sérgio. (Orgs). *Assentamentos Rurais: Uma visão multidisciplinar*. São Paulo: UNESP, 1994. p. 127-144.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. (Orgs). *Retratos de Assentamentos*. Araraquara, São Paulo: Publicação periódica do Nupedor, 2006.

GOFF, Jacques Le. *História e Memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

GUARANÁ, Elisa de Castro. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: Relações de gênero em assentamentos rurais. In: *Simpósio Reforma Agrária e Desenvolvimento: Desafios e rumos da política de assentamentos rurais*. Araraquara, São Paulo: UNIARA, 2006.

GUARANÁ, Elisa de Castro. O Paradoxo “Ficar e Sair”: Caminhos para o debate sobre juventude

rural. In: FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta; ALY Junior Osvaldo. (Orgs). *Assentamentos Rurais: Impasses e dilemas (uma trajetória de 20 anos)*. São Paulo: Copyrigh, 2005. p. 321-351.

LOBATO, Margareth Cavalcante de Castro. *Múltiplos olhares sobre a juventude*. Revista da UFG, vol. 6, n. 1, jun. 2004. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/editorial.html
Acesso em: 22 de março de 2010.

MEIHY, José Carlos S. Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

MENEGAT, Alzira Salete. *I Seminário de Relações de Gênero: Desafios e perspectivas*. Dourados: UFGD, 2007.

SALES, Celecina de Maria Veras. *Gênero e Juventude Rural: Permanência de traços da herança cultural camponesa e a produção de novos valores na construção do presente*. Ceará: UFC, 2006.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

SOUZA MARTINS, Heloisa Helena T. A juventude no contexto da reestruturação produtiva. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO Marília Pontes. (Orgs). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-40.

SYDOW, Evanize; MENDONÇA, Maria Luisa. (Orgs). *Direitos Humanos no Brasil 2005: Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos*. Araraquara, São Paulo: Fundação Heinrich Boll, 2006.

I Conferência Municipal de Políticas Públicas de Juventude de Dourados. Quem sabe faz a hora! Dourados: Coordenadoria Municipal de Juventude, 2008.

I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Documento Base. Brasília, 2007.

FONTES ORAIS

COSTA, Kátia Aline da. Entrevista realizada com Genesi Borges, no lote 327 assentamento Sul Bonito em Itaquiraí-MS. Em: 09/10/2005.

COSTA, Kátia Aline da. Entrevista realizada com Juliana Aparecida de Oliveira, na festa de aniversário dos Dez Anos do Assentamento Sul Bonito em Itaquiraí-MS. Em: 16/12/2006.

COSTA, Kátia Aline da. Entrevista realizada com Dhenifer Oliveira na festa dos Dez Anos do Assentamento Sul Bonito em Itaquiraí-MS. Em 16/12/2006.

COSTA, Kátia Aline da. Entrevista realizada com Taís Aparecida Santana na Escola Agrícola do Assentamento Sul Bonito em Itaquiraí-MS. Em 18/04/07.